



UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE
FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA E LITERATURA
MESTRADO EM LINGUÍSTICA

A LOCATIVIZAÇÃO EM CITSHWA

Dissertação apresentada em cumprimento parcial dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em
Linguística pela Universidade Eduardo Mondlane

Albino Armando Chivambo

MAPUTO, Outubro de 2012

A LOCATIVIZAÇÃO EM CITSHWA

Dissertação apresentada em cumprimento parcial dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Linguística pela Universidade Eduardo Mondlane por Albino Armando Chivambo

Faculdade de Letras e Ciências Sociais
Departamento de Linguística e Literatura
Universidade Eduardo Mondlane

O Supervisor: Professor Catedrático Armindo Ngunga

Maputo, 2013

O Juri			
Presidente	O Supervisor	O Oponente	Data
<u>Prof. Doutor</u>	<u>Professor Catedrático</u>	<u>Prof. Doutor</u>	
Feliciano Chimbutana	Armindo Ngunga	Bento Siteo	12/07/2013

Declaração

“Declaro que esta dissertação nunca foi apresentada para a obtenção de qualquer grau académico ou num outro âmbito e que ela constitui o resultado do meu labor individual. Esta dissertação é apresentada em cumprimento parcial dos requisitos para a obtenção do grau de Mestre em Linguística no Departamento de Linguística e Literatura da Universidade Eduardo Mondlane”.

Maputo, Outubro de 2012

Albino Armando Chivambo

Dedicatória

Dedico este trabalho, em primeiro lugar, à minha falecida mãe Helena Pechiço Macuácuá, que me ensinou em vida que para ter sucesso é preciso ser persistente e saber esperar, (kutimisela ni kurindzela) dois ensinamentos que têm orientado a minha vida ao longo do tempo. Em segundo lugar, dedico este trabalho à minha família que, ao longo desta “aventura” académica, tem sabido acompanhar-me e, sobretudo, compreendendo que é semeando hoje que se colherá amanhã.

Agradecimentos

Os meus agradecimentos vão em primeiro lugar a todos os meus colegas da turma do Mestrado do ano lectivo 2010-2012 que, para além de simples colegas tornaram-se verdadeiros irmãos, particularmente os drs. David Zefanias Chonane, Carlos Hon'wana e Ernesto Dimande. Também agradeço aos tios Agostinho Paulino e Américo Mucumba, pelo apoio moral e pela disponibilização e discussão do material que constituiu a base para a elaboração do presente estudo.

Um especial agradecimento vai para toda equipa de docentes do Mestrado em Linguística da FLCS da UEM que connosco trabalhou durante esses dois anos da nossa formação, em particular o Professor Catedrático Armindo Ngunga pelo acompanhamento que me proporcionou antes como aluno do Curso e depois como seu supervisando.

ÍNDECE

Declaração.....	i
Dedicatória.....	ii
Agradecimentos.....	iii
Anexos.....	iv
Resumo.....	v
Índice	1
<u>CAPÍTULO 1. INTODUÇÃO</u>	8
<u>1.1. Introdução</u>	9
<u>1.2. Sobre a Língua Citshwa</u>	9
<u>1.3. Objectivos</u>	10
<u>1.3.1. Objectivo geral</u>	10
<u>1.3.2. Objectivos específicos</u>	10
<u>1.4. Motivação da pesquisa</u>	10
<u>1.5. Relevância do estudo</u>	11
<u>1.6. Contribuição do estudo</u>	12
<u>1.7. Problema da Investigação</u>	12
<u>1.8. Hipóteses da Investigação</u>	12
<u>1.9. Quadro Teórico</u>	13
<u>1.10. Organização do Trabalho</u>	13
<u>CAPÍTULO 2. METODOLOGIA</u>	15
<u>2.1. Introdução</u>	15
<u>2.2. Método filológico</u>	15
<u>2.3. Método de entrevista</u>	15
<u>2.4. Método de introspecção</u>	16
<u>2.5. Recolha de dados e constituição do corpus</u>	16
<u>2.6. Formulário de recolha de dados</u>	17
<u>2.7. Perfil do consultor linguístico</u>	18

<u>CAPÍTULO 3. REVISÃO DA LITERATURA</u>	19
<u>3.1. Introdução</u>	19
<u>3.1.1. Morfologia nominal em bantu</u>	19
<u>3.1.2. Classes nominais</u>	19
<u>3.1.3. Concordância</u>	22
<u>3.1.4. Locativização</u>	22
<u>3.1.4.1. Estratégias de afixação do morfema locativo nas línguas bantu</u>	24
<u>3.1.4.2. Locativização por prefixação</u>	24
<u>3.1.4.3. Locativização por sufixação</u>	29
<u>3.1.4.4. Locativização simultânea por prefixação e Sufixação</u>	31
<u>3.1.4.5. Morfologia do nome em Citshwa</u>	31
<u>3.1.4.6. Classes nominais em Citshwa</u>	33
<u>3.1.4.7. Concordância em Citshwa</u>	35
<u>CAPÍTULO 4. LOCATIVIZAÇÃO EM CITSHWA</u>	38
<u>4.1. Introdução</u>	38
<u>4.2. Estratégias de locativização em Citshwa</u>	38
<u>4.3. Locativização lexical</u>	39
<u>4.3.2. Locativização Morfológica</u>	39
<u>4.5. Locativização por preposições locativas ka e ni</u>	47
<u>CAPÍTULO 5. CONCLUSÃO E RECOMENDAÇÕES</u>	49
<u>REFERÊNCIAS</u>	52

Resumo

O presente estudo tem como objectivo analisar as estratégias de locativização em Cithwa. Porque a língua Cithwa faz parte do conjunto das línguas bantu nas quais a estrutura das classes nominais foi reconstruída do Proto-Bantu, primeiro fazemos uma abordagem histórica do tema para, entre outros aspectos, saber como é realizado o processo de locativização nas línguas bantu. Desta análise, reconhecemos que em muitas línguas bantu, a locativização ainda é realizada através de prefixos locativos (**pa-**, **ku-**, **mu-**), algumas línguas inovaram não só a estratégia de locativização, como também os morfemas locativos em relação ao Proto-Bantu como resultado da evolução da estrutura fonético-fonológica. Cithwa faz parte das línguas que inovaram tanto a estratégia de locativização como os morfemas locativos, adoptando a sufixação do morfema locativo **-ini** como estratégia básica ao invés da prefixação de morfemas locativos como acontece em muitas línguas bantu. Em alguns casos Cithwa apresenta alguma relíquia de locativização através de **ha-** (***pa-**), como relíquia da classe 16 reconstruída do **PB**, mas já lexicalizada. Durante a afixação do morfema locativo em Cithwa, foram observados processos fonológicos cujas regras foram objectos de descrição e formalização para permitir uma compreensão clara do fenómeno de locativização nesta língua.

PALAVRAS-CHAVE. Locativização ; morfema; classe nominal; Cithwa.

CAPÍTULO 1. INTODUÇÃO

1.1.Introdução

O presente estudo visa descrever a locativização em Citshwa, um fenómeno universal que ocorre em todas as línguas do mundo, através do qual a língua situa acções ou objectos no tempo ou no espaço. Segundo Mateus et. al (1989:45), “locativo é a semântica do argumento que exprime a localização espacial ou temporal de uma dada entidade”. As estratégias de locativização variam de língua para língua havendo línguas que expressam esse fenómeno através da colocação de prefixos locativos, outras através de sufixação de morfemas locativos e ainda outras que recorrem a preposições.

O presente trabalho pretende fazer uma análise das estratégias de locativização nas línguas bantu em geral e na língua Cithswa em particular. Porque a língua objecto do presente estudo tem sido apresentada invariavelmente pelos termos “Tswa”, “Xitshwa” e “Citshwa”, neste trabalho adoptamos o termo “Citshwa” porque os falantes da variante em estudo (Cidzivi) assim a disignam.

1.2. Sobre a Língua Citshwa

Segundo Guthrie, citado por Ngunga (2004:48), a “língua Citshwa pertence ao Grupo S.51 Tswa-Ronga” do qual fazem parte também o Xironga e Xichangana, línguas mutuamente inteligíveis.

De acordo com Ngunga e Faquir (2011:195), citando dados do INE (2010) esta língua é falada por 693.386 pessoas de cinco anos ou mais de idade. Em termos de distribuição geográfica em Moçambique, os falantes do Citshwa podem ser encontrados principalmente na província de Inhambane, na região sul das Províncias de Manica e Sofala e nas Províncias de Gaza e Maputo. Fora de Moçambique, Citshwa diz-se ser falado também nas regões meridionais das Repúblicas do Zimbabwe e da República da África do Sul.

Em Inhambane, onde vive a maioria dos seus falantes, podem identificar-se as seguintes variantes:

- (i) Xikhambane, falada no distrito de Panda;
- (ii) Xirhonga, falada na zona ocidental do distrito de Massinga e Funhalouro;
- (iii) Xilhengwe, falada nos distritos de Morrumbene, Massinga e no distrito de Funhalouro;
- (iv) Ximhandla, falada no distrito de Vilanculo;
- (v) Xidzhonge (ou Xidonge), falada na parte meridional do distrito de Inharrime;

(vi) Cidzivi, falada nos distritos de Homoine e Morrumbene.

Cidzive constitui o objecto de análise do presente estudo. A sua escolha tem a ver com o facto de o autor deste estudo ser falante nativo desta variante.

1.3. Objectivos

São objectivos do presente estudo os seguintes:

1.3.1. Geral

O presente trabalho pretende fazer uma análise das estratégias de locativização nas línguas bantu em geral e, em particular, na língua Citshwa, com vista a determinar se esta língua ainda conserva a forma do Proto-Bantu na construção de locativos ou não. Caso não, pretende-se identificar a(s) estratégia(s) que os falantes desta língua adoptam para a construção de locativos nominais.

1.3.2. Específicos

- (i) Identificar a(s) estratégia(s) de locativização em Citshwa;
- (ii) Identificar os morfema marcadores de locativos em Citshwa;
- (iii) Descrever os processos fonológicos que resultam da afixação de morfemas locativos em Citshwa;
- (iv) Formalizar os processos fonológicos identificados.

1.4. Motivação da pesquisa

Duas razões fundamentais motivaram a escolha deste tema, a saber: a escassez de estudos descritivos sobre esta língua, por um lado e, por outro, a constatação de dificuldades por que passam os aprendentes desta língua no que diz respeito à localização de factos, acções ou actos no tempo ou no espaço, facto que se deve a não existência de material sistematizado sobre a matéria e à disposição de quem o necessite.

1.5. Relevância do estudo

Debruçando-se sobre a importância do estudo das línguas “indígenas”, Seki (s/d) destaca que, o estudo das línguas indígenas pode ser colocado sob dois aspectos fundamentais: o científico e o social. Do ponto de vista científico, a relevância das línguas indígenas e sua pesquisa fica evidente diante da consideração de que a linguística busca compreender a natureza da linguagem humana, fenómeno universal que se caracteriza pela unidade na diversidade, manifestando-se em cada língua de forma particular e única. Assim, o estudo das diferentes manifestações é importante para o conhecimento da linguagem humana, podendo contribuir seja na confirmação de hipóteses teóricas formuladas com base em dados de línguas conhecidas, predominantemente indo-europeias, seja estimulando a introdução de reajustes ou a busca de novas propostas teóricas que possam explicar fenómenos revelados pelas línguas não consideradas até então. Nesse sentido, a pesquisa de qualquer língua é relevante para o desenvolvimento da ciência. Outro elemento não menos importante na relevância do estudo das línguas é o aspecto social da língua, o qual coloca a necessidade de estudar as línguas tendo em vista contribuir para ajudar as comunidades na preservação e/ou revitalização das suas línguas e dos seus sistemas de conhecimentos através da produção de materiais resultantes da investigação linguística (descrições, gramáticas, dicionários etc.).

Nos últimos anos, a importância da diversidade linguística no nosso país tem sido abordada no contexto da diversidade em geral, enfatizando-se a compreensão das línguas moçambicanas como parte intrínseca da cultura, da sociedade e visão do mundo dos falantes. Daí, os apelos que têm vindo de ambos os lados, quer da sociedade em geral, quer dos decisores políticos, sobre a necessidade, não apenas de investigação e divulgação, mas, sobretudo, da sua introdução no sistema nacional de educação.

É tendo em conta, os aspectos acima apontados sobre a importância do estudo das línguas “indígenas” (moçambicanas) e, sobretudo, da consciência que há entre os decisores políticos, de que as línguas moçambicanas podem e devem contribuir para o processo de desenvolvimento do país, cujos estudos achamos ser oportuno e importante que se façam com vista a dotá-las de elementos técnicos que lhes permitam responder às necessidades de comunicação para o desenvolvimento.

1.6. Contribuição do estudo

Esperamos que os resultados deste estudo contribuam não apenas para o conhecimento da língua e sua divulgação, mas, sobretudo, que dêem subsídios necessários e suficientes para a construção de uma gramática descritiva da língua Citshwa. Desta forma, pretende-se contribuir para a produção de material didático para a sua leccionação nas escolas.

1.7. Problema da Investigação

Citshwa faz parte do conjunto das línguas bantu, aquelas cuja estrutura do locativo nominal foi reconstruída do Proto-Bantu, por Meinhof (1910), Mecussen (1967) e por Guthrie (1967) entre outros, através dos prefixos **pa-**, **ku-** e **mu-**, das classes 16, 17 e 18, respectivamente.

Muitas questões se poderiam colocar sobre os locativos, mas nós só vamos trabalhar com duas apenas, a saber:

a) Será que os locativos do Proto-Bantu conservam-se intactos na construção de locativos nominais em Citshwa?

b) Se não, que estratégia(s) os falantes desta língua adoptam na construção de locativos nominais?

1.8. Hipóteses da Investigação

Em razão das questões levantadas, avançamos as seguintes hipóteses:

1. Tendo a língua por sua natureza uma estrutura dinâmica, o Citshwa, tal como algumas línguas bantu, operou algumas mudanças na estrutura do locativo nominal em relação à forma do Proto-Bantu.

2. Os falantes da língua Citshwa adoptam duas estratégias fundamentais para a construção de locativos nominais, nomeadamente: Locativização lexical e a locativização morfológica, como resultado das mudanças fonéticas operadas ao longo do tempo em relação à forma reconstruída do Proto-Bantu.

1.9. Quadro Teórico

Este estudo assenta nos pressupostos teóricos do modelo da teoria da Fonologia Lexical (Kiparsky 1982, 1985, Mohanan 1982, Ngunga 1997, Langa 2008). Este modelo, estuda as relações entre a estrutura morfológica de uma palavra e as regras fonológicas que a ela se aplicam. Esta teoria defende que a estrutura do léxico de uma língua está organizada em níveis ou extractos ordenados, os quais são os domínios de regras morfológicas e regras fonológicas que se aplicam a diferentes níveis na gramática. O número dos níveis poderá variar de língua para língua, mas geralmente há regras que são aplicadas ao nível lexical, também considerado nível 1, e regras que são aplicadas ao nível pós-lexical ou nível 2. A locativização, objecto de estudo do presente trabalho será assumida como a construção do nível 1, aquela na qual são aplicadas regras fonológicas, que se aplicam no interior da palavra. Tais regras que se aplicam após afixação de um morfema podem tornar a aplicar-se se outro morfema for afixado e se acharem criadas as condições estruturais para o efeito. Por isso se diz que as regras lexicais, do nível 1, são cíclicas.

A escolha desta teoria que mostra o entrelaçamento da morfologia com a fonologia, deve-se ao facto de ela ser um instrumento de análise teórica que explica os diferentes fenómenos que resultam da ocorrência de morfemas, que desencadeiam processos fonológicos em contextos derivados. Referimo-nos a processos tais como os hiatos criados pela afixação de morfemas locativos e que têm de ser resolvidos para tornar opacas a nível de superfície algumas das características de alguns dos sons. Apresentada a teoria em que se apoia análise de dados do nosso trabalho, na secção a seguir apresenta-se a estrutura organizacional do trabalho.

1.10. Organização do Trabalho.

O trabalho encontra-se organizado em cinco (5) capítulos, nomeadamente: Capítulo 1, que compreende, para além da introdução, a apresentação da língua, os objectivos da pesquisa, a motivação, a relevância do estudo, a contribuição do estudo, o problema da investigação, as hipóteses de investigação, o quadro teórico adoptado e a organização do trabalho. O capítulo 2 apresenta as metodologias usadas na recolha de dados que se consubstanciam fundamentalmente aos métodos filológico, a entrevista e a introspecção. Ainda neste capítulo apresenta-se a grelha usada na recolha de dados, a constituição do *corpus* e o perfil do consultor linguístico. Depois do capítulo das metodologias, segue o capítulo 3, dedicado à revisão da literatura, onde se faz uma análise de estudos anteriores com

vista a aferir o estado da arte em relação à matéria em análise. Depois da revisão da literatura, segue-se o capítulo 4, onde se faz, a análise das estratégias de construção de locativos nominais em Citshwa. Finalmente, temos o capítulo 5, onde se apresentam as conclusões tendo em conta às perguntas de partida e os objectivos previamente traçados. Faz-se também, neste capítulo, algumas recomendações em relação ao tema em análise e em relação à língua.

Dadas essas considerações iniciais, consideramos estarem criadas as condições para uma incursão sobre os diversos aspectos que serão tratados ao longo do trabalho. O capítulo que se segue vai ocupar-se da análise das diferentes metodologias usadas na recolha de dados que corporizam o nosso estudo.

CAPÍTULO 2. METODOLOGIA

2.1. Introdução

Neste capítulo, apresenta-se as metodologias usadas na recolha de dados onde se destaca: o método filológico, a entrevista e o método de introspecção, bem como se faz menção à constituição do *corpus* e o perfil do consultor linguístico.

2.2. Método filológico

Segundo Medeiros, citado por Alfândega (2000:5), o método filológico consiste na consulta de documentos escritos relacionados com a matéria em estudo. Por sua vez, dissertando sobre este método, Ngunga (2006) refere que “com base na leitura de textos escritos, o investigador obtém os dados de que precisa para fazer a análise da estrutura da língua, seu funcionamento e seu uso social. Para a realização do presente estudo, foram revistos diversos trabalhos que versam sobre a construção de locativos nominais nas línguas bantu, nomeadamente: Alfândega (2009), Avelar e Cyrino (S/d), Buell (2004), Creissels (S/d), Cocch (2000), Chunguane (2003), Marten (2006), Marten e Lutz (2010), Ngunga (2004), Ngunga e Mpofo (2011), Ngunga e Simbine (2012), Salzmann (2004), Schryver e Gauton (2006), Zeller (2006).

No presente trabalho, o uso deste método permitiu-nos não apenas saber sobre o estado da arte em relação ao tema em análise, como também verificar que estratégias outras línguas bantu adoptaram ou adoptam na construção de locativos nominais.

2.3. Método de entrevista

Segundo Ngunga (2006), o método de entrevista “consiste na elaboração prévia de um conjunto de perguntas por parte do investigador sobre a matéria em estudo e que as apresenta a um falante que responde de acordo com o seu saber”. Ainda segundo este autor, as questões a serem colocadas ao falante da língua podem ser constituídas por uma simples lista de palavras de vocabulário básico que inclua nomes e verbos, um conjunto de frases contendo as formas gramaticais que são objecto de estudo, ou outro tipo de inquérito que pode variar em função dos objectivos preconizados.

Alfândega (2009:6), citando Guamba (2002), aponta para algumas exigências que este método impõe ao entrevistador de quem exige “curiosidade, paciência e um elevado grau de humildade”.

Para o presente estudo, usou-se a técnica de entrevista estruturada, onde foi seguido um guião de perguntas previamente elaboradas.

Com vista a complementar as respostas dadas pelo consultor linguístico, usamos também a técnica de formulário que, segundo Nogueira (1968), citado por Lakatos (2003:212), “é uma lista formal, catálogo ou inventário destinado à recolha de dados resultante quer da observação, quer de interrogatórios, cujo preenchimento é feito pelo próprio investigador à medida que faz a investigação, ou faz as observações, ou recebe as respostas do pesquisado, sob sua orientação”. Também, foi produzido um formulário constituído por palavras de vocabulário básico, contendo nomes e verbos que incluíam construções locativas.

2.4. Método de introspecção

Sobre o método de introspecção, Ngunga (2006) refere que ele consiste no estudo do que o linguista sabe e usa de forma inconsciente. No caso da investigação linguística, trata-se de uma situação em que o próprio investigador estuda a sua língua tal como ele a conhece, podendo, com efeito, consultar outros membros da sua comunidade linguística, se existirem, bem como a bibliografia disponível sobre o assunto.

Com vista a conferir maior segurança às informações por nós produzidas intuitivamente, constituímos um consultor linguístico que é membro da nossa comunidade linguística, já que a introspecção conduz às vezes à subjectividade na análise de dados, geralmente colhidos na base da intuição.

2.5. Recolha de dados e constituição do corpus

Os dados que constituem o *corpus* deste trabalho foram recolhidos no Bairro de 25 de Junho “B” da cidade de Maputo. A escolha deste bairro para a recolha de dados deveu-se ao facto de ali se localizar uma significativa comunidade de Vatshwas, sobretudo falantes da variante em estudo.

O trabalho de recolha de dados consistiu, numa primeira fase, na identificação de falantes da variante Cidzivi, objecto de estudo neste trabalho. Depois da identificação do grupo-alvo avançou-se com testagem dos instrumentos de recolha de dados na segunda fase e depois a administração dos referidos instrumentos. Na terceira fase, procedeu-se à recolha de dados propriamente dita que consistiu na apresentação de uma lista de palavras fundamentalmente constituída por nomes, advérbios e adjetivos da língua Citshwa, onde se

pedia aos entrevistados que traduzissem para a língua portuguesa. Com este exercício queríamos aferir quais eram os morfemas locativos e como eram usados pelos falantes.

Todavia, as informações que íamos colhendo eram difusas, resultado de experiências vivenciais diversas dos nossos entrevistados. Com efeito, apesar de serem falantes nativos, devido à ausência prolongada das suas zonas de origem, alguns falantes apresentavam dados já influenciados pelas línguas do local onde se encontram a residir actualmente. Por isso, tivemos de constituir apenas um consultor linguístico ao invés de grupo. Quanto a nós, embora esteja a residir fora do local da sua origem, este consultor conserva ainda traços fundamentais da gramática da sua língua. A ele entregámos um formulário de recolha de dados constituído aproximadamente por 200 palavras das quais apenas 80 corporizam este trabalho entre nomes, advérbios e adjectivos da língua citshwa para que traduzisse para a língua portuguesa. A partir das informações fornecidas pelo consultor, que resultaram das traduções feitas às palavras da língua citshwa para a língua portuguesa, foi possível identificar os morfemas locativos em citshwa e o modo como esses mesmos morfemas são usados nas palavras pelos falantes do Citshwa.

2.6. Formulário de recolha de dados

O formulário de recolha de dados é composto por três colunas. Na primeira coluna apresenta-se a ordem numérica; na segunda, as palavras em Citshwa; e na terceira, as palavras traduzidas do Citshwa para o Português como se pode ver na tabela abaixo.

Tabela 1: Formulário de recolha de dados

N ^o .	Citshwa	Português
1	ka-lhana	no colo
2	henhla ka-mesa	em cima da mesa
3	ka-meza	na mesa
4	henhla	em cima
5	hansi	em baixo
6	kheleni	na cova
7	ndleleni	no caminho
8	ka-sangu	na esteira
9	pha- mbeni	em frente
10	muti-ni	na casa
11	ni- mixu	de manhã
14	ni- lhikanhi	a tarde
15	ni- wusiku	a noite
16	ni- phinzula	de madrugada

No quadro acima, pode-se notar que as palavras em Citshwa são locativas, pois servem para situar acções ou coisas no espaço ou no tempo.

2.7. Perfil do consultor linguístico

O consultor linguístico que nos forneceu a informação necessária para a constituição de *corpus* deste estudo é um falante nativo do Citshwa, variante Cidzivi. Nasceu e cresceu na Localidade de Golo, Distrito de Homoine, Província de Inhambane, e reside actualmente no Bairro de Bagamoyo da Cidade de Maputo. Em termos de conhecimentos de línguas, para além do Citshwa de que é falante fluente, fala também o Espanhol, o Russo e tem algumas noções do Swahíli, línguas com que teve contacto através de estudos e de trabalho nos países onde são faladas a saber: Cuba, Rússia, Quénia, entre outros.

Neste capítulo, para além de apresentação e discussão dos métodos usados na recolha de dados para o presente estudo, apresentamos igualmente o local da recolha de dados, o grupo-alvo, os procedimentos seguidos na recolha de dados, a constituição do *corpus*, o formulário de recolha de dados, bem como o perfil do consultor linguístico. O capítulo que se segue apresenta a revisão da literatura sobre o tema em estudo ou temas afins, cujo objectivo final é medir o estado da arte do tema em estudo.

CAPÍTULO 3. REVISÃO DA LITERATURA

3.1. Introdução

No capítulo anterior, analisámos os métodos usados na recolha de dados para o presente estudo destacando os métodos, filológico, de entrevista e introspectivo.

O presente capítulo, apresenta a revisão da literatura sobre o tema em estudo ou temas afins em cinco secções com a finalidade de nos debruçarmos sobre o estado da arte. Para além da introdução, apresentamos, na primeira secção, a morfologia nominal em bantu; na segunda, as classes nominais; na terceira, a concordância nominal; na quarta, a locativização e, finalmente, na quinta as estratégias de locativização em bantu.

3.1.1. Morfologia nominal em bantu

Para fazer uma análise do processo de locativização nas línguas bantu é preciso, primeiro, fazer um exame da morfologia nominal, pois na maioria das línguas bantu, os locativos fazem parte do grupo de prefixos nominais.

Segundo Ngunga (2004), o nome é definido como uma palavra variável que se usa para designar coisas, seres, eventos, estados, pessoas. Ainda segundo este autor, nas diferentes línguas, o nome pode apresentar diferentes estruturas, podendo variar em termos de classe, género e número. O que tem chamado atenção a vários estudiosos em relação ao nome em bantu é a “forma sistemática como nessas línguas os nomes se organizam de acordo com os seus prefixos que indicam tanto o número como o género (numa perspectiva totalmente diferente da oposição feminino vs. masculino ou vs. neutro” (Ngunga 2004:107). Nas línguas bantu a relação entre o nome e as outras palavras sintacticamente dependentes deste é marcada por concordância numa frase usando várias estratégias. Uetela (2009) estudou as estratégias de concordância com sintagmas nominais complexos em Citshwa de que concluiu que nesta língua as estratégias de concordância eram complexas, complexidade que não se deve a existência de um vasto repertório de estratégias, mas à factores intrínsecos à língua.

3.1.2. Classes nominais

Quanto à abordagem das classes nominais, Ngunga (2004) refere que foi Bleek (1862,1869) quem notou pela primeira vez que os nomes das línguas bantu se organizavam em grupos de acordo com seus prefixos ou com o mesmo tipo de padrão de concordância.

Antes da sua morte, Bleek (1869) teria conseguido estabelecer 16 classes nominais a partir da observação de diferentes línguas. Ainda segundo Ngunga (2004:108),

“o trabalho deixado incompleto por este autor foi continuado por outros estudiosos, dentre os quais Meinhof que, em 1899, acrescentou três prefixos locativos à lista de Bleek, ficando assim uma lista de 19 prefixos. Mais tarde, Meinhof (1906) acrescentou dois prefixos, nomeadamente, u- (classe 20) e u- (classe 21). Como corolário das suas investigações Meinhof (1910) apresentou uma lista de prefixos nominais correspondentes, a 21 classes nominais do que seria para ele Proto-Bantu, que representa uma espécie de síntese do seu trabalho e do trabalho de Bleek”.

Na tabela que se segue, apresenta-se as classes nominais na perspectiva de Meinhof.

Tabla 2: Prefixos nominais segundo a proposta de Meinhof (1910), (Ngunga, 2004).

Classes	Prefixos
1	*mu-
2	*va-
3	*mu-
4	*mi-
5	*li-
6	*ma-
7	*ki-
8	*vi-
9	*ni-
10	*lí-ni-
11	*lu-
12	*tu-
13	*ka-
14	*vu-
15	*ku-
16	*pa-
17	*ku-
18	*mu-
19	*Pî-
20	* u-
21	* a-

Guthrie (1967-1971), outro estudioso que se interessou pelo estudo das línguas bantu, depois de analisar a lista de prefixos nominais apresentada por Bleek com acréscimos de

Meinhof que propôs uma nova lista composta apenas por 19 classes nominais, tal como inicialmente fora proposta por Bleek, conforme atesta a tabela em baixo:

Tabela 3: Lista de prefixos nominais proposta por Guthrie (1967-71), (Ngunga, 2004).

Classes	Prefixos (1)
1	*mu-
2	*ba-
3	*mu-
4	*m -
5	* -
6	*ma-
7	*ki-
8	*b -
9	*N-
10	*N-
11	*du-
12	*tu-
13	*ka-
14	*bu-
15	*ku-
16	*pa-
17	*ku-
18	*mu-
19	*p -

Tal como nos referimos na secção anterior, o sistema de classes nominais, tem conhecido uma mutação constante ao longo da história. Como se pode verificar acima, da lista proposta por Bleek, passando por Meinhof até Guthrie, há mudanças tanto no número de classes como na realização de prefixos correspondentes a diferentes classes.

¹ Prefixos nominais reconstruídos do Proto-Bantu

Ainda sobre as classes nominais, para Ngunga (2004:108), “elas constituem um conjunto de nomes com o mesmo prefixo e/ou o mesmo padrão de concordância”.

Portanto, para que um nome se possa considerar como pertencendo a uma certa classe é preciso que exiba o mesmo prefixo e/ou o mesmo prefixo de concordância que outros nomes da mesma classe. Caso contrário não pode ser membro da classe (Ngunga, 2004).

Sitoe (1996) diz que nas línguas bantu, o nome compreende duas partes: (i) o prefixo, que varia em função do tema nominal e (ii) o tema nominal, que recebe o prefixo para em conjunto formarem o nome pertencente a uma determinada classe nominal.

Em relação à morfologia do nome, Ngunga (2004) defende que este obedece a uma estrutura constituída por afixos que transportam as marcas de (singular/plural) e tema nominal que expressa informação semântica.

3.1.3. Concordância

Nas línguas bantu, a concordância é feita através de prefixos que permitem que os adjetivos, os pronomes, os numerais, os possessivos, demonstrativos e verbos mantenham uma relação de dependência sintáctica (na mesma frase) com o nome a que se referem (Ngunga, 2002; Ngunga, 2004, Angenot, et. al. s/d).

3.1.4. Locativização

Canonici (1991); Machobane (1996); Gauton (2003); Ngunga (2004) referem que, a locativização é um processo morfológico através do qual um morfema locativo se associa ao nome para localizá-lo no tempo ou no espaço.

Marten (2010), debruçando-se sobre o processo de locativização nas línguas bantu, diz que a marca locativa é parte típica do sistema de classes nominais e existem três classes nominais locativas diferentes que podem ser reconstruídas por aproximação. Estas classes são em muitas línguas bantu, marcadas pelos prefixos **pa-**, **ku-**, e **mu-** cuja semântica se refere à proximidade a um lugar ou a um lugar específico, a um lugar distante ou e a um lugar no interior de algo. Referindo-se ainda aos prefixos locativos este autor refere que os nomes com estes prefixos comportam-se em muitos casos como outros nomes e podem funcionar como sujeito ou complemento do verbo.

Num outro desenvolvimento sobre o processo de locativização, Ngunga (2004:122) destaca que:

“os prefixos locativos são basicamente secundários, e ajudam a introduzir aquilo que em línguas como o Português fariam parte do grupo de palavras designadas por advérbios, pois eles indicam a locativização do nome a que se afixam no tempo ou no espaço. Em relação aos processos de locativização nas línguas bantu, Ngunga defende que, a prefixação não é a única forma morfológica de expressão dos processos de locativização, pois algumas línguas exprimem a locativização através de afixação não de prefixos, mas de sufixos aos nomes, ou ainda através de afixação simultânea de prefixos e sufixos”.

Por sua vez, Cocchi (2000) aponta que Guthrie (1967-1971) reconstruiu para o Proto-Bantu três classes locativas (**pa-**) (cl.16), (**ku-**) (cl.17) e (**mu-**) (cl.18) que se têm perdido em algumas línguas bantu modernas como o Swahili que apresenta apenas um nome oriundo do Árabe, *mahali* “lugar”, com o qual os prefixos locativos continuam a ser usados.

Sobre as mudanças apontadas por Cocchi (2000) em relação às classes nominais do Proto-Bantu, Marten (2010) diz que a morfologia locativa do siSwati foi-se perdendo e inovando e as marcas das classes locativas foram reanalisadas como preposições e sintagmas locativos. Segundo o mesmo autor, essas mudanças explicam os aspectos de mudanças no sistema locativo do siSwati. Ainda de acordo com Marten, observa-se mudanças no sistema locativo das línguas bantu de diferentes maneiras e dá como exemplo o Swahili que perdeu o prefixo nominal que aparecia na morfologia de nome, e os locativos nominais são marcados por um sufixo desenvolvido. Entretanto, contrariamente ao que aconteceu com o Swahili, o autor aponta para o caso de Lozi que ainda mantém as três classes locativas, mas reduziu os três prefixos de concordância das classes nominais 16, 17 e 18 para uma, a classe 17.

Referindo-se à reestruturação do sistema locativo em siSwati, Marten diz que as marcas de locativos das classes 16, 17, e 18, mostram claramente os traços do sistema locativo do Proto-Bantu (PB), embora somente em formas lexicalizadas. A marca locativa da classe 17 pode ser encontrada tanto na morfologia nominal como na morfologia verbal no siSwati. As classes 16 e 18 são também encontradas, mas em formas de expressões lexicalizadas em siSwati.

Quanto à formação de uma nova morfologia locativa em siSwati, Marten afirma que os locativos produtivos em siSwati são formados apenas pela classe 17 *ku-* ou pelo uso de diferentes morfemas, nomeadamente, o prefixo *e-* e o sufixo *-ini*, ou por combinação com outros.

Ainda sobre as mudanças que se operam no sistema de locativização em algumas línguas bantu, Salzmann (2004) diz que Chichewa conserva as três classes locativas reconstruídas para o Proto-Bantu, nomeadamente, a classe 16 (**pa-**), classe 17 (**ku-**) e a classe 18 (**mu-**).

Creissels (s/d), em relação à locativização, argumenta que o sistema locativo do Tswana não é conservador e é muito inovador tal como outras línguas do grupo S30-40, Sotho e Tswana respectivamente.

Depois de passarmos em revista estudos anteriores, as ilações que se podem tirar são as seguintes: que os prefixos locativos nas línguas bantu fazem parte de classes nominais, como primeiramente proposto por Bleek (1862,1869), mais tarde revisto por Meinhof (1910) e Guthrie (1967-1971); que o sistema de classes nominais das línguas bantu, tem sofrido inovações em muitas línguas, embora haja algumas que ainda conservam a forma reconstruída do sistema de classes nominais do Proto-Bantu. Com vista a demonstrarmos o que acabamos de afirmar, na secção a seguir vamos apresentar as estratégias de locativização nas línguas bantu.

3.1.4.1. Estratégias de afixação do morfema locativo nas línguas bantu

Ao longo desta secção iremos apresentar as diferentes estratégias de locativização em algumas línguas bantu, começando pela locativização por prefixação.

3.1.4.2. Locativização por prefixação

*(i) Locativização por prefixação do morfema **pa-**, com o sentido de localização geral.*

(1) Shona:

pamba	pangu	‘em minha casa’
pakati	pahomwe	‘dentro do cesto’
pausuku		‘a noite’
padyo	pamusha	‘perto da aldeia’
panze		‘fora’

(Canonici, 1991)

Os exemplos em (1) mostram o morfema locativo **pa-** (cl.16), que é prefixado aos nomes em Shona, para formar o locativo situacional geral, que pode indicar direccionalidade, proximidade, temporal ou área aberta dependendo do contexto comunicacional.

(ii) *Locativização por prefixação do morfema **ku-**, com o sentido de direccionalidade.*

(2) Shona:

kumba	kwangu	‘em volta da minha casa’
kumusha	kwangu	‘na minha aldeia ou casa’
kumusha		‘casa ou em casa’
kure	nomusha	‘longe de casa’

(Canonici, 1991)

Em (2) estamos perante uma situação idêntica à descrita em (i) em que o morfema locativo **ku-** (cl. 17) se associa ao nome nesta língua, através do processo de prefixação com vista a formar locativos, cuja semântica é da indicação da distância (grande) e não vizinhança ou direcção, como mostram os exemplos acima.

(iii) *Locativização por prefixação do morfema **mu-**, com o sentido de localização interna, como se ilustra nos seguintes exemplos:*

(3) Shona:

mumba	mangu	‘na minha casa’
mukati	mangu	‘dentro da minha casa’
muno		‘aqui dentro’
mumba		‘dentro da casa’
munaZambezi	[sic]	‘no Zambezi’

(Canonici, 1991)

Os exemplos em (3) mostram a locativização do nome através do morfema locativo **mu-** (cl.18), que pode ser de interioridade, espaço limitado e fechado, em Shona. Entretanto, para além do Shona existem outras línguas que ainda realizam a locativização do nome através de locativos reconstruídos para o Proto-Bantu, como ilustram os exemplos abaixo:

(iv) *Locativização por prefixação do morfema **pa-**, (cl.16)*, com o sentido de localização geral.

(4a) Yao:

pamusi	‘na aldeia’	
pacikoola	‘na escola’	
palusulo	‘à beira do rio’	(Ngunga, 2004)

b) Nyanja:

pamuzi	‘na escola’	
pacikoola	‘na escola’	
pansinje	‘à beira do rio’	(Ngunga, 2004)

c) Cisena:

pameza	‘na mesa’	
paphiri	‘sobre o monte’	
pamwendo	‘sobre o pé’	(Alfândega, 2009)

d) Kimwani:

pankono	‘sobre o braço’	
pakitanda	‘sobre a cama’	
pamaji	‘sobre a água’	
pamoto	‘sobre o fogo’	(Alfândega, 2009)

Os exemplos em (4) mostram a locativização situacional através do morfema locativo **pa-** (cl.16) em algumas línguas moçambicanas que ainda preservam a estrutura locativa do Proto-Bantu. Os outros morfemas locativos do Proto-Bantu que ocorrem ainda nas línguas moçambicanas acima descritos são os morfemas das classes 17 e 18, nomeadamente, **ku-** e **mu-**, vejam-se os exemplos em baixo:

(v) *Locativização por prefixação através dos morfemas **ku-**, (cl.17) e o morfema **mu-**, (cl.18)*

(5a) Cisena:

kumambakweca	‘de madrugada’	
kumanyindza	‘durante o verão’	
kumawulo	‘a tarde’	(Alfândega, 2009)

b) Cisena:

mukuthamanga	‘na corrida’	
mukutonga	‘no julgamento’	
mukupima	‘na medição’	(Alfândega, 2009)

Os exemplos (5) mostram que para além do Shona existem outras línguas bantu que têm como prefixos locativos os morfemas das classes locativas reconstruídas para o Proto-Bantu por Guthrie e outros.

Sobre as mudanças que se têm operado no sistema de prefixos locativos nas línguas bantu, Gauton (2003) citado por Alfândega (2009:27) refere que as línguas bantu desenvolveram diferentes estratégias para a realização da locativização. Enquanto algumas línguas mantêm a forma primitiva de locativização do Proto-Bantu, realizando-a através do processo morfológico de prefixação usando **pa-**, **ku-**, e **mu-**, outras línguas desenvolveram novos morfemas locativos (*e-*, *i-*, *a-*, *ha-*, *n-*, e *o-*), mas continuam a fazer a locativização usando a mesma estratégia de prefixação, como se pode ver a seguir:

(vi) *Locativização por prefixação através dos morfemas locativos e-, i-, o-, fa-, kwa-, mo-, se-, e nok-*

(6a) Swati:

esitolo	‘na loja’	
ekaya	‘em casa’	Marten, s/d)

b) Cibuja:

eliko	‘em cima’	
ewoso	‘em frente’	(Alfândega, 2009)

c) Zulu:

16	isikole	‘na escola’	
16	insimu	‘na machamba’	(Buell, 2004)

d) Makhuwa:

oxikola	‘na escola’	
omuro	‘no rio’	(Ngunga, 2004)

e) Sitswana:

17	kwanok-eng	‘no rio’	
18	mosedib-eng [sic]	‘no bem’	(Demuth, 2000)

f) Sesotho:

17	nokeng	‘no rio’	
18	sedib-eng [sic]	‘no bem’	(Demuth, 2000)

Os exemplos em (6) mostram alguns morfemas inovados por algumas línguas como resultado da evolução fonética. Entretanto, para além da inovação de morfemas locativos como resultado da evolução fonética, outras línguas apresentam formas fossilizadas ou lexicalizadas exibindo os morfemas locativos *ha-* (**pa-**), (cl.16), *n-*, (cl.9) e *ka-*, (**ku-**), (cl.17), como ilustram os exemplos em baixo:

(vii) *Locativização através dos morfemas locativos situacional (ha-), (cl.16), (n-), (cl.9) e (ka-), (cl.17).*

(7) Changanana:

hansi	(cl.16)	‘no chão’	
henhla	(cl.16)	‘em cima’	
handle	(cl.16)	‘fora’	
kule	(cl.17)	‘longe’	
kusuhi	(cl.17)	‘perto’	
kaya	(cl.17)	‘em casa’	
ndzeni	(cl.9)	‘dentro’	
ndzaku	(cl.9)	‘atrás’	
ndzeni ka yindlu	(cl.9)	‘dentro de casa’	
ndzaku ka mina	(cl.9)	‘atrás de mim’	
ndzeni ka movha	(cl.9)	‘dentro do carro’	(Langa, 2008)

Os exemplos em (7) mostram morfemas locativos que morfológica e semanticamente se encontram lexicalizados, fazendo parte de palavras de que já não se podem dissociar tendo, por isso, deixado de ser produtivos. Estes prefixos são parte inalienável das palavras de que fazem parte (Langa, 2008).

Depois de termos apresentado e analisado as estratégias de locativização por prefixação de morfemas locativos do Proto-Bantu e de outros inovados por algumas línguas bantu, passamos a apresentar na secção a seguir a locativização por sufixação.

3.1.4.3. Locativização por sufixação

A sufixação é um processo morfológico de formação de palavras que consiste na adição de um morfema sufixal no final de uma palavra, radical nominal ou verbal para formar uma nova palavra a partir de palavras já existente, como ilustram os exemplos que se seguem:

(viii) *Locativização por sufixação em Zulu.* Nesta língua os locativo podem ser formados através da sufixação do sufixo locativo **-ini** em palavras terminadas com vogais /a/, /e/, /i/ e /u/.

(8 Zulu:

a) endlini	(indlu+ini)	‘dentro da casa’	
b) entabeni	(intaba+ini	‘na montanha’	
c) esikoleni	(isikole+ini)	‘na escola’	
d) ensimini	(insimu+ini)	‘na machamba’	(Canonic, 1991)

Os exemplos em (8) mostram o processo de locativização através da afixação do sufixo locativo *-ini* a nomes terminados em vogais a,e i,u. Quando se afixa o morfema locativo *-ini* às palavras com a vogal final /u/, esta vogal é elidida como se vê em (8a, d). Quando se afixa o morfema locativo *-ini* à palavras com a vogal baixa /a/, acontece a coalescência entre esta vogal e a vogal /i/ em posição inicial do sufixo locativo de que resulta a vogal média /e/, como se vê em (8b). Quando se afixa o morfema locativo *-ini* a palavras com a vogal média /e/ em posição final, a vogal inicial do morfema locativo é elidida, como se ilustra em (8c). Alguns destes fenómenos fonológicos acontecem também em algumas línguas, mas noutras, os resultados de afixação do morfema locativo ao nome podem ser diferentes. Vejam-se os exemplos de Copi e Changana a seguir:

(9 Copi:

cituluni	(citulu+ni)	‘na cadeira’
mesani	(mesa+ni)	‘na mesa’
govani	(gova+ni)	‘na lagoa’

thembweni	(thembwe+ni)	‘na machamba’
livangoni	(livango+ni)	‘na planície’
masoni	(maso+ni)	‘em frente’
m’sungoni	(m’sungo+ni)	‘na cabeça’

Nos exemplos em (9) mostra-se a locativização do nome através da sufixação do morfema *-ni* que se junta a nomes para locativizá-los. Como se vê o morfema locativo em Copi é que se afixa a palavras terminadas em vogais de qualquer qualidade, (/a/, /u/, /i/, /o/). Os dados em (9) mostram que o *-ni* não altera a sua estrutura morfofonológica contrariamente ao que acontece com outras línguas já analisadas, onde a afixação do morfema locativo *-ini* a nomes, resulta em mudanças na sua estrutura morfológica. Este facto leva a conclusão de que em Copi, o morfema locativo seja *-ni*.

(10 Changana:

1. ntirhweni	(ntirho+ini)	‘no serviço’
2. mbilwini	(mbilu+ini)	‘no coração’
3. xitulwini	(xitulu+ini)	‘na cadeira’
4. mbilwini	(mbilu+ini)	‘no coração’
5. ritweni	(rito+ini)	‘na palavra’
6. sontweni	(sonto+ini)	‘no domingo’

Nos exemplos em (10) a locativização do nome é realizada através do morfema locativo *-ini* que, tal como em outras línguas, pode-se realizar de diferentes formas dependendo da qualidade da última vogal da palavra a que se afixa.

Dos exemplos apresentados acima, pode tirar-se a seguinte ilação: que em termos morfológicos existe nas línguas bantu um morfema sufixal locativo *-(i)ni*, cuja função é localizar objectos no tempo ou no espaço.

Depois de analisarmos as estratégias de locativização por prefixação e sufixação, na secção a seguir vamos apresentar a locativização simultânea por prefixação e por sufixação, uma das estratégias a que algumas línguas bantu recorrem para locativizar o nome no espaço ou no tempo.

3.1.4.4. Locativização simultânea por prefixação e Sufixação

Até aqui, analisamos duas estratégias de locativização nas línguas bantu, a locativização por prefixação e a locativização por sufixação. Nesta secção vamos analisar a terceira estratégia de que as línguas bantu se servem para locativizar o nome no tempo ou no espaço, a locativização simultânea por prefixação e por sufixação. Trata-se de uma operação morfológica de formação de palavras que se realiza através de afixação simultânea de um prefixo e um sufixo a um nome, radical nominal para derivar uma nova palavra, como se pode ver nos exemplos a seguir:

(iii) *Locativização simultânea por prefixação e sufixação.*

(11 Zulu:

sandla	‘mão’	<u>esandleni</u>	‘nas mãos’
msebenzi	‘trabalho’	<u>emsebenzeni</u>	‘no trabalho’
bhodlela	‘garrafa’	<u>ebhodleleni</u>	‘na garrafa’ (Canonici, 1991)

Os exemplos em (11) mostram que nesta língua é possível afixar-se aos radicais nominais simultaneamente um prefixo e um sufixo para formar um locativo, através do processo morfológico de derivação de palavras por prefixação e sufixação, respectivamente, o prefixo vocálico *e-* e o sufixo locativo *-ini* para dar lugar a locativos como ilustram os exemplos acima.

Feita a revisão de algumas das estratégias de locativização em algumas línguas bantu, na secção que se segue vamos analisar a morfologia nominal do Citshwa. Esta análise visa determinar se esta língua apresenta a mesma estrutura de classes nominais em relação a outras línguas bantu e sim ou não, que implicações isso pode representar na construção do locativo nominal nesta língua.

3.1.4.5. Morfologia do nome em Citshwa

Em Citshwa, tal como noutras línguas bantu faladas em Moçambique, não se pode esperar encontrar todas as classes nominais propostas tanto por Bleek, por Meinhof, ou por Guthrie. Vide a tabela em baixo que ilustra os prefixos nominais do Citshwa compilados por Ngunga (2004):

Tabela 4: Prefixos nominais para o Citshwa.

Classes	Prefixos nominais
Nominais	Ngunga (2004)
1	mu-
2	va-
3	mu-
4	mi-
5	li-
6	ma-
7	ci/xi
8	zvi-
9	N-
10	N-
11	li-
12	-----
13	-----
14	u-
15	ku-
16	-ha
17	-ku
18	mu-

Ngunga (2004) apresenta na tabela 5 os prefixos nominais em línguas moçambicanas com algumas inovações em relação a alguns prefixos locativos, nomeadamente, *pa- que se realiza como *ha-* em Citshwa tal como os prefixos *bu- que se realiza como *u-*, *du- que se realiza como *li-*, *bi- que se realiza como *zvi-*, *ki- que se realiza como *ci-* na variante Cidzivi falado nos Distritos de Morrumbene e Homóine e *xi-* noutras regiões, e * que se realiza como *li*, como ilustra a tabela em acima.

Tal como nos tínhamos referido em relação à variação das classes nominais nas línguas bantu, a tabela acima mostra os prefixos nominais independentes em Citshwa da classe 1 a 18, tendo-se excluído os prefixos das classes 12 e 13 por não fazerem parte desta língua. Esta variação pode ter algumas implicações na estrutura do locativo nominal em Citshwa, já que esta língua não apresenta os prefixos padrões do Proto-Bantu na sua estrutura de classes nominais.

Depois de na secção anterior termos apresentado, a morfologia do nome em Citshwa, onde vimos que, esta língua apresenta apenas dezasseis prefixos das classes nominais reconstruídas do Proto-Bantu, contrariamente aquilo que é comum em muitas línguas bantu, na secção a seguir vamos passar a analisar as classes nominais em Citshwa na perspectiva de alguns autores.

3.1.4.6. Classes nominais em Citshwa

Person (1932) escreveu uma gramática sobre o Citshwa na qual, entre vários aspectos, apresenta a descrição do nome e do locativo em Citshwa defendendo que esta língua apresenta oito classes nominais organizadas em prefixos, ou por sílabas iniciais, nomeadamente: classe 1 (mu-), classe 2 (mu-), classe 3 (gi-), classe 4, (xi-), classe 5 (yi-), classe 6 (li-), classe 7 (wu) e classe 8 (ku). Sobre o locativo em Citshwa, Person (1932:67) diz que “ é formado por muitos sufixos e a sua forma depende da qualidade da última vogal do nome a que se afixam.” Por sua vez, Ngunga (2004) em relação à mesma língua apresenta no quadro resumo dos prefixos nominais independentes em línguas muçambicanas uma lista de 16 prefixos nominais, dados que diferem dos dados apresentados por Person (1932). Em baixo apresenta-se a tabela de prefixos nominais propostos pelos dois autores acima citados:

Tabela 5: Classes nominais do Citshwa por Person (Person,1932) e (Ngunga,2004)

Classes	Prefixos nominais	
	Person (1932)	Ngunga (2004)
1	mu-	mu-
2	ba-	va-
3	gi-ma	mu-
4	Xi	mi-
5	Yi	gi-
6	li-	ma-
7	w-	ci/xi
8	ku-	zvi-
9		N-
10		N-
11		li-
12		-----
13		-----
14		u-
15		ku-
16		-ha
17		-ku
18		mu-

A tabela acima permite constatar a diferença de perspectivas na abordagem da questão das classes nominais em Citshwa pelos dois autores. Essa diferença consubstancia-se não apenas no número das classes apresentadas por cada um como também, nos prefixos correspondentes a cada uma dessas classes.

Na secção anterior fez-se a análise das classes nominais em Citshwa, apresentadas por Person (1932) e Ngunga (2004). Desta análise foi possível verificar que discordância não só se observa em relação ao número das classes que cada um dos autores apresenta, mas em relação aos prefixos correspondentes a cada uma dessas classes.

Vista a questão referente às classes nominais em Citshwa, na secção a seguir, prosseguimos ainda com a análise dos aspectos gramaticais sobre esta língua, concretamente sobre a concordância, aspecto fundamental no estabelecimento de relações entre constituintes frásicos numa língua.

3.1.4.7. Concordância em Citshwa

Quanto à concordância, Uetela (2009:189) diz que “nas línguas bantu, a concordância é também um elemento presente e de importância para o estabelecimento de relações entre constituintes frásicos. Por sua vez, Ngunga (2004:52) diz que “uma classe nominal é constituída por um conjunto aberto de nomes que controlam a concordância gramatical marcada essencialmente por prefixos nominais, por um lado, e de concordância por outro”. Numa outra reflexão sobre a concordância nas línguas bantu, Ngunga (2002) diz que para se determinar a pertença de um nome a uma determinada classe é preciso olhar para o tipo de concordância que ele impõe a outras classes que podem ocorrer na mesma frase em que esse nome é núcleo. Na tabela a baixo mostra-se os prefixos de concordância em Citshwa através dos quais se estabelece a relação de dependência sintáctica na mesma frase entre os adjetivos, os numerais, os possessivos, demonstrativos e verbos com o nome a que se referem.

Tabela 6: Prefixos de concordância em Citshwa

classe	Prefixo Nominal	Prefixos de concordância de com nominais				
		Adjectivos	Numerais	Possess.	Demosntrativos	Verbos
1	mu-	wa-	mu-	wa-	yi-	i-
2	va-	va-	va-	va-	va-	va-
3	mu-	wa-	wu-	wa-	Wu-	Wu-
4	mi-	ya-	yi-	ya-	-yi	yi-
5	li-	ya-	yi-	ya-	wu-	yi-
6	ma-	ya-	ma-	ya-	wa-	ma-
7	ci/xi	ca/xa	ci-	ca-	ci-	ci-
8	zvi	zva-	zvi-	zva-	zvi-	zvi-
9	N-	wa	wu-	wa-	wu-	wu-
10	N-	wa-	wu-	wa-	wu-	wu-
11	li-	ya-	yi-	ya-	yi-	yi-
12	-----	-----	-----	-----	-----	-----
13	-----	-----	-----	-----	-----	-----
14	u-	-----	-----	-----	-----	-----
15	ku-	ga-	gi-	ga-	gi-	gi-
16	ha-	ya-	yi-	ya-	-Yi	yi-
17	ku-	ga-	gi-	ga-	gi-	gi-
18	mu-	wo-	-----	wa-	wu-	wu-

Verificando a tabela acima, dois aspectos de concordância se tornam evidentes: um que mostra que a concordância é realizada por elementos que, embora diferentes dos prefixos nominais, sempre aparecem em parceria com estes. Esta evidência torna claro que “os nomes têm dois prefixos, um que faz parte da sua estrutura e outro que aparece em palavras que concordam com esses nomes” (Ngunga, 2002: 80). O que acabamos de dizer acerca dos nomes possuírem dois prefixos pode ser visto nos nomes referentes às classes 1, 3, 4, 5, 6, 9, 10, 11, 14, 16, 17 e 18, como ilustram os exemplos a baixo:

- (12) a. **munhu** *munwe* wa mina lweyi wa hombe ahundzile (cl.1)
esta única minha pessoa grande passou
- b. **muti** *wunwe* wa hombe lowu wa mina wufuvile (cl.3)
esta minha única casa grande desapareceu
- c. **miti** ya mina ya yimbiri leyi ya hombe yifule (cl.4)
estas minhas duas casas grandes desapareceram
- d. **lidavi** *yinwe* leyi ya hombe ya n'dinwa wa mina yitsovekile (cl.5)
aquele ramo único grande da minha laranjeira partiu-se
- e. **makhoko** manharu ya mina ya hombe lawa mapandzekile (cl.6)
estes meus três cocos grandes partiram-se
- f. **ngelo** wa mina wa *wunwe* lowu wa hombe wupandzekile (cl.9)
esta minha única gamela grande partiu-se
- g. **nenge** wa mina wa *wunwe* lowu wa hombe wutsovekile (cl.10)
esta minha única perna grande partiu-se
- h. **kuwu** lowu wa *wunwe* wa hina wa hombe wumbelile (cl.15)
esta nossa única festa grande acabou
- i. **hawu** ya mina ya *yinwe* leyi ya hombe yifile (16)
este meu macaco único grande morreu
- j. **kutla** legi ga mina ga *ginwe* ga hombe gifile (17)
esta minha única grande rã morreu
- k. **munyo** wa mina lowu wobasa wuhalakile (cl.18)
este meu sal branco verteu-se
- l. **litihu** **ya** hombe leyi **ya** mina **ya** *yinwe* yitsovekile (cl.11)

Com os exemplos em (12) procuramos mostrar as diferenças entre o prefixo nominal em negrito e o prefixo de concordância. Entretanto, os prefixos de concordância são iguais

entre si, embora nalgumas vezes possam apresentar diferenças na realização de vogais como resultados de processos fonológicos. O fenómeno aqui descrito acontece apenas com as onze classes pois, nas restantes, os nomes fazem aquilo que se chama na literatura de especialidade de concordância alterativa, que consiste na repetição do prefixo nominal na posição do prefixo de concordância, como se pode ver nos exemplos abaixo:

(13) a. **vana vamina lava vambiri vahombe vasukile** (cl 2)

estes meus dois filhos grandes saíram

b. **cikhele cinwe camina leci cahombe cidilikile** (cl.7)

esta minha cova única grande desabou

c. **zvigonzani zvimбири zwamina lezvi zvahombe zvipasile** (cl.8)

estes meus dois alunos grandes passaram

Olhando para os dados em 12 e 13, podemos considerar que em termos de relações sintáticas que estabelecem com o nome os adjetivos, os numerais, os possessivos, os demonstrativos e os verbos são todos dependentes do nome (Ngunga, 2002).

O capítulo que ora termina dedicou-se à análise de trabalhos anteriores sobre o tema, quer em Citshwa, quer noutras línguas. Entre vários aspectos, analisamos a morfologia nominal em bantu, o sistema de classes nominais, a concordância nas línguas bantu, as estratégias de locativização nas línguas bantu, a morfologia nominal em Citshwa e, finalmente este capítulo encerra com a análise da concordância em Citshwa.

Depois de no capítulo anterior termos apresentado a revisão da literatura sobre o nosso tema ou temas com ele relacionados, no capítulo que se segue vamos analisar os processos e estratégias de locativização em Citshwa, tema central do presente estudo.

CAPÍTULO 4. LOCATIVIZAÇÃO EM CITSHWA

4.1. Introdução

Dos estudos que consultámos sobre o Citshwa, apenas dois é que tratam da locativização, tema do presente estudo. Trata-se de Person (1932) e Chunguane (2003). O primeiro apresenta alguns morfemas sufixais locativos e o segundo descreve as estratégias de locativização em Chihlengwe. O nosso estudo vai para além da descrição de estratégias de locativização em Citshwa, pois, como se viu, inclui uma abordagem histórica do processo de locativização nas línguas bantu em geral e depois no Citshwa em particular. O objectivo desta abordagem é verificar até que ponto esta língua terá ou não inovado a sua estrutura de classes nominais na construção de locativos em relação à forma reconstruída do Proto-Bantu.

No presente capítulo, analisamos os processos e as estratégias de locativização em Citshwa, com vista a captarmos as semelhanças e diferenças entre as estratégias que esta língua usa na construção de locativos e as usadas por outras línguas bantu.

Em termos de apresentação, este capítulo encontra-se dividido, para além da introdução, em três secções a saber: Estratégias de locativização em Citshwa; Locativização Lexical, Locativização Morfológica, que envolve a derivação de palavras por prefixação ou sufixação ou simultaneamente pela prefixação e sufixação.

A ideia que subsiste sobre o processo de locativização em Citshwa é a de que esta língua partilha uma estratégia comum de locativização com o resto das línguas bantu que consiste na afixação de morfemas locativos aos nomes. Contudo, embora essa afirmação seja correcta, existem diferenças morfológicas dos respectivos afixos locativos e na forma como eles se associam aos nomes para os locativizar. Para discutir este assunto vamos começar por apresentar as estratégias de locativização em Citshwa, tendo como ponto de partida os trabalhos apresentados por Ngunga (2004), Chunguane (2003) e Person (1932) respectivamente.

4.2. Estratégias de locativização em Citshwa

Tal como refere Ngunga (2004:122), a prefixação, não é “a única forma morfológica de expressão dos processos de locativização”, pois segundo este autor, “algumas línguas exprimem a locativização através de afixação não de prefixos, mas de sufixos aos nomes ou ainda através da afixação simultânea de prefixos e sufixos”. O Citshwa faz parte do rol das línguas que fazem a locativização basicamente através da afixação do sufixo locativo aos nomes, ou seja, a estratégia mais usadas pelos falantes desta língua é a sufixação do morfema

locativo ao nome. Aliás, Person (1932:67), ao referir-se ao processo de locativização em Citshwa diz que “é formado por muitos sufixos”. Como se pode ver, a partir das posições dos autores acima citados, pode se antever a existência nesta língua, de uma ou várias estratégias de locativização para tal, passamos na secção a seguir, a apresentar as diferentes estratégias que os falantes do Citshwa adoptam na construção de locativos, começando pela locativização lexical.

4.3. Locativização lexical

Chunguane (2003) descreve a locativização lexical como sendo aquela que é realizada por meio de palavras cuja semântica já inclui a noção de locativos, como ilustram os exemplos a baixo:

(14) Citshwa:

meza wule hansi ka sinya	‘a mesa está em baixo da árvore’
bola yile henhla ka yindlu	‘bola está em cima da casa’
khumba gile ndzhaku ka yindlu	‘porco está atrás da casa’
n’wanana yile ndzeni ka movha	‘criança está dentro do carro’

Os exemplos em (14) mostram a locativização lexical em Citshwa, aquilo que Chunguane designou de locativização simples. Nesta língua, a locativização lexical é expressa por palavras lexicalizadas, ou seja, os locativos nominais em (14) não são decomponíveis em prefixo e tema nominal, pois estas formas estão lexicalizadas, não podendo, por isso, separarem-se. Semanticamente, têm como função localizar objectos ou acções que pode ser num espaço aberto ou fechado como ilustram os exemplos a cima. Estes locativos são aqui chamados locativos nominais porque controlam a concordância das palavras sintacticamente dependentes através da marca gentiva **ka**.

4.3.2. Locativização Morfológica

Em relação à locativização morfológica, Chunguane diz que é a que envolve afixos (prefixos e sufixo) como se pode ver nos seguintes exemplos:

(15) Citshwa.

a) cikhele+ini	sing+ini	(na cova)
b) zvikhele+ini	plur+ini	(covas)
c.) rhumbi+ini	sing+ini	(na ruína)
d) marhumbi+ini	plur+ini	(nas ruínas)
e) cibalu+ini	sing+ini	(no trabalho forçado)
f) zvibalu+ini	plur+ini	(nos trabalhos forçados)

Os exemplos em (15) mostram a locativização morfológica através da sufixação do morfema locativo *-ini*. Em (15a) temos o nome *cikele* no singular a quem foi sufixado o morfema locativo *-ini*, que derivou o locativo nominal *cikeleni* também no singular. Em (15b) aparece o mesmo nome analisado em (15a), mas já no plural que é igualmente afixado o mesmo morfema locativo *-ini*, mas porque em (15b) temos o nome no plural, o resultado deste processo é um locativo nominal no plural. Situação igual se repete em (15c, d, e, e f) onde as palavras estão no singular ou plural, respectivamente.

Depois de analisarmos as estratégias de locativização em Citshwa propostas por Chuguane, que se resumem fundamentalmente à locativização (lexical) e locativização (morfológica), na secção que se segue, continuaremos a fazer análise das estratégias de locativização em Citshwa, ainda dentro da estratégia de locativização morfológica por sufixação, a partir de uma outra proposta que é nos sugerida por Person (1932).

4.4. Locativização por sufixação

Sobre o processo de locativização em Citshwa, Person (1932:67), como já foi mencionado refere que nesta língua “a locativização é realizada por muitos sufixos que se apresenta de formas diferentes de acordo com a qualidade da última vogal da palavra a que se afixa”. Assim, segundo este autor, se o nome tiver **e** ou **i** como última vogal, é acrescentado o sufixo **-ni** para os nomes que terminam em vogal **a** afixa-se o sufixo **-eni**; os nomes que terminam com **o** acrescenta-se lhes o sufixo **-weni** finalmente os nomes que terminam com a vogal alta arredondada **u** acrescenta-se lhes o sufixo **-wini**. Assim, no entender de Person (op. cit.), em Citshwa, existem quatro morfemas locativos nomeadamente, **-ni**, **-eni**, **-weni** e **-wini**, como ilustram os exemplos abaixo:

(16) *Locativização com nomes terminados em vogal [a]:*

tshinyeni	(tshinya+ ini)	‘no tronco’
misaveni	(misava+ ini)	‘na areia’
mhambeni	(mhamba+ ini)	‘na missa’
goveni	(gova+ ini)	‘no poço’
tshaleni	(tshala+ ini)	‘no celeiro’
ndzaveni	(ndazava+ ini)	‘na area’
n’wmbeni	(n’wamba+ ini)	‘na colmeia’
nongeni	(nonga+ ini)	‘na corrente de água’
nkoveni	(nkova+ ini)	‘na planície’
nyameni	(nyama+ ini)	‘na carne’
sinyeni	(sinya+ ini)	‘na árvore’
kufeni	(kufa+ ini)	‘no falecimento’
khumbeni	(khumba+ ini)	‘no porco’
mhakeni	(mhaka+ ini)	‘no caso, problema’
bhangeni	(bh’anga+ ini)	‘na adega’
nyangeni	(nyanga+ ini)	‘no/na curandeiro’
nyameni	(nyama+ ini)	‘na carne/no corpo’
tshaleni	(tshala+ ini)	‘no celeiro’
citangeni	(citanga+ ini)	‘na cozinha’
cifuveni	(cifuva+ ini)	‘no peito/alma’
ndzumbeni	(ndzumba+ ini)	‘no festival’
muyameni	(munyama+ ini)	‘na escuridão’

Os exemplos em (16) mostram o processo de formação de locativos a partir de nomes terminados em vogal /a/ da palavra. Segundo Person (1932), a todas palavras que terminam em vogal final /a/ é afixado o sufixo **-eni**. Entretanto, contrariamente ao que Person defende, o morfema que é afixado em palavras que terminam em vogal /a/ é o morfema locativo **-ini**. A forma **-eni**, no final das palavras inicialmente terminadas em vogal /a/ do Citswã, resulta da fusão entre esta vogal e a vogal /i/ inicial do sufixo locativo **-ini**. Daí, o /e/ no *output* que se apresenta nas palavras derivada em (16). Portanto, a vogal que resulta da fusão de /a/ e /i/ tem os traços das duas vogais que lhe deram origem. Isto é, na formação de locativos a partir de palavras terminadas em vogal baixa [a] nesta língua afixa-se o morfema locativo **-ini** e não **-eni** como defende Person (1932), pois o /e/ é resultado da fusão entre duas vogais primárias

/a/ e /i/. Em baixo apresenta-se a regra fonológica que dá conta da fusão de vogais nesta língua.

(i) Regra fonológica de coalescência

[+bxo] + [+alt] → [-bxo, -alt]

A regra em (i) mostra o mecanismo de resolução de hiatos entre as vogais [a] e [i], que resulta numa vogal média /e/. No caso em análise, a regra aplicável é a regra de fusão de vogais. Segundo esta regra, em Citshwa, quando duas vogais primárias se encontram na mesma sequência, obrigatoriamente devem fundir-se como ilustra o exemplo em cima

Depois de explicarmos os processos que resultam na forma *-eni* quando o sufixo locativo *-ini* é sufixado a palavras terminadas em vogal [a], nas secções que se seguem, continuaremos a apresentar e a discutir as diferentes formas em que o morfema locativo *-ini* se apresenta, partindo sempre da proposta apresentada por Person (1932).

(17) *Locativização com nomes terminados em vogal [e]:*

nengeni	(nenge+ ini)	‘na perna’
peleni	(pele+ini)	‘na fralda’
cikheleni	(chikhele+ ini)	‘na cova’
veleni	(vele+ ini)	‘na mama’
ndleveni	(ndleve+ ini)	‘na orelha’
civereni	(cireve+ ini)	‘na cacimba’
zvikheleni	(zvikhele+ ini)	‘nas covas’
maribzeni	(maribzi+ ini)	‘nas pedras’
maveleni	(mavele+ ini)	‘nas mamas’
foleni	(fole+ ini)	‘no tabaco’
marheveni	(marhe+ ini)	‘nos lados’

Os exemplos em (17) mostram a construção de locativos a partir de nomes terminados em vogal média [e], em que a vogal alta [i] inicial do sufixo locativo *-ini* é elidida dando origem à forma **-eni** terminal das palavras em (17).

Tal como nos referimos anteriormente a locativização por sufixação em Citshwa é realizada pela afixação do morfema locativo **-ini** às palavras. A forma **-eni**, final em palavras dos exemplos em (17) é derivada, resultante da elisão do **-i** de **-ini** depois de /e/ final da palavra. Esta regra pode formalizar-se da forma como se segue:

(ii) Regra fonológica de apagamento ou de assimilação total de vogais:

[+alt] → Ø / [-alt, -bxo] _____

A regra em (ii) mostra o processo de elisão da vogal alta anterior [i] do sufixo locativo **-ini**, quando é precedida imediatamente pela vogal média anterior [e] que ocorre em posição final de palavra.

(18) *Locativização com nomes terminados em vogal [i]:*

hosini	(hosi+ ini)	‘no rei’
n’wetini	(n’weti+ ini)	‘na lua’
fusini	(fusi+ ini)	‘na mata’
wusvetini	(wusveti+ ini)	‘na desgraça’
mbutini	(mbuti+ ini)	‘no cabrito’
mutini	(muti+ ini)	‘em casa/no lar’
khwatini	(khwati+ ini)	‘no mato’
nzatini	(nzati+ ini)	‘no risco’
matini	(mati+ ini)	‘na água’

Em (18) mostra-se que quando duas vogais da mesma qualidade se acham uma imediatamente a seguir a outra elas fundem-se, como se poderia esperar. Aqui não se pode falar de elisão porque não é possível saber-se qual é a vogal que foi elidida e qual é que sobreviveu. Todavia, se tomarmos como base a regra anterior pode-se concluir por analogia que é a vogal /i/ do sufixo que é elidida. Logo a regra aplicável neste caso é também a regra da elisão, que se pode formalizar como se segue:

(iii) Regra fonológica entre duas vogais com as mesmas qualidades:

[+ant,+alt] → Ø / [+ant, +alt] _____

A regra (ii) e a regra (iii) podem fundir-se numa só:

[+alt,+ant] → Ø/ [+ant] —

A regra de fusão de vogais em (iii), mostra que afinal a vogal inicial do sufixo locativo sofre elisão sempre que a última vogal da palavra a que o morfema locativo se afixa seja anterior, quer seja alta ou não.

Ainda segundo Person (1932), às palavras terminadas em vogais arredondadas [o] e [u] são sufixados os morfemas locativos *-weni* e *-wini*, respectivamente para formar locativos nominais. Em baixo apresentamos o que efectivamente acontece nestes casos para se chegar as formas dadas por este autor como sendo **-weni** e **-wini**.

(19) *Locativização por sufixação de -weni* segundo Person (1932) em palavras terminadas em vogal arredondada [o]:

nhlok weni	(nhloko+ ini)	‘na cabeça’
wok weni	(woko+ ini)	‘no braço’
nkol weni	(nkolo+ ini)	‘no pescoço’
wong weni	(wongo+ ini)	‘no cerboro’
khomb weni	(khombo+ ini)	‘no azar’
ndzhong weni	(ndzhogo+ ini)	‘na humidade’
momb weni	(mombo+ ini)	‘na testa’
vol weni	(volo+ ini)	‘na manta’

Como já foi explicado anteriormente, *-weni* não é um morfema locativo em Citshwa, mas sim uma forma derivada, que resulta do encontro entre a vogal média arredondada [o] em posição final do nome e da vogal alta anterior /i/ do morfema locativo **-ini** em Citshwa. Os exemplos em (19) mostram o processo de semivocalização da vogal arredondada [o] final do nome quando precede a vogal [+alt] do morfema locativo *-ini*.

Na verdade, o que acontece nestes casos é que, primeiro, a vogal inicial de **-ini** assimila o traço [-alt] da vogal /o/ final da palavra a que se afixa o morfema locativo. Portanto, /i/ passa para /e/. Depois desta regra de assimilação é que se aplica a regra segundo a qual a vogal arredondada [o] transforma-se em semivogal labio-velar [w].

Fenómeno idêntico já foi discutido em Changana, uma língua irmã de Citshwa, por Ngunga e Simbine (2012). Veja-se a seguir a formalização das regras aqui referidas e a ordem obrigatória em que elas se aplicam em Citshwa:

(iv) Regra de transformação da vogal [+alt] em vogal [-alt]

1. [+ant,+alt] \longrightarrow [-alt] / [-alt] —

2. [+sil,+arr] \longrightarrow [-sil] / — [+sil]

Em (iv) são apresentadas as regras que convertem as vogais /i/ em /e/ e /o/ em [w] em Citshwa. A regra de transformação da vogal [+alt] em vogal [-alt], impõe que quando uma vogal [+alt] /i/ é precedida por uma vogal média arredondada /o/, a vogal [+alt] /i/, converte-se em vogal média /e/. Por sua vez, quando a vogal média arredondada /o/ predece a vogal média /e/ converte-se em semivogal [w]. Dentro em breve, voltaremos à regra geral de semivocalização em Citshwa.

Depois de descrevermos o processo de locativização através de afixação do morfema **-ini** em palavras terminadas em vogal média arredondada [o], no número que se segue vamos apresentar exemplos de locativização através da sufixação do morfema locativo **-ini** a palavras terminadas em vogal arredondada alta recuada [u].

Como temos vindo a demonstrar ao longo deste trabalho, nesta língua existe apenas um morfema locativo que é **-ini** que se realiza de formas diferentes de acordo com a qualidade da última vogal do nome a que ele se afixa. Veja-se em baixo exemplos do processo de formação do locativo por sufixação do morfema locativo **-ini** em palavras terminadas em vogal arredondada alta recuada [u]:

(20) *Locativização por sufixação do morfema locativo -ini em palavras terminadas em vogal arredondada alta recuada [u]:*

muny wini	(munyu+ini)	‘no sal’
munh wini	(munhu+ini)	‘na pessoa’
mabul wini	(mabulu+ini)	‘na conversa’

phul wini	(phulu+ini)	‘na caça grossaça’
limbamb wini	(limbambu+ini)	‘na costela’
cibal wini	(cibalu+ini)	‘no trabalho forçado’
cib weni	(cibu+ini)	‘no tronco’
usik wini	(usiku+ini)	‘na noite’
lihlav wini	(lihavu+ini)	‘na margem do quintal’
mbil wini	(mbilu+ini)	‘no coração’
xitshung wini	(xitsungu+ini)	‘na assembleia’
mun wini	(mumu+ini)	‘no sol’
ndaw wini	(ndau+ini)	‘no lugar’

Os exemplos em (20) mostram o processo de formação do locativo em Citshwa através da sufixação do morfema locativo **-ini** à palavras terminadas em vogal arredondada [u]. Deste exercício, nota-se que o /u/ em que as palavras terminam é semivocalizado, quando lhes é sufixado o morfema locativo **-ini**. Como se viu em relação à vogal média arredondadas, a regra de semivocalização das vogais arredondadas é uma regra obrigatória em Citshwa. No caso vertente, esta regra pode ser formalizada da seguinte forma:

(v) Regra de semivocalização da vogal arredondada alta recuada.

[+sil,+arr] → [-sil]/ — [+sil]

Em (v) temos a regra que dá conta da conversão de vogais arredondadas em semivogais em Citshwa. Esta regra de semivocalização de vogais arredondadas em Citshwa, impõe que quando uma vogal arredondada precede uma outra vogal converte-se em semivogal como ilustram os exemplos acima.

Depois de apresentarmos as estratégias de locativização onde se destaca a locativização por sufixação e, a descrição de regras fonológica desencadeadas pelo processo de afixação de morfemas locativos aos nomes, na secção a seguir, passamos a apresentar outras formas de locativização que os falantes do Citshwa adoptam para locativizar o nome no tempo ou no espaço.

4.5. Locativização por preposições locativas **ka** e **ni**

Além da locativização por sufixação através do sufixo **-ini**, já discutido, o Citshwa admite outras formas de locativização com recurso à preposições locativas **ka** e **ni**, vejamos os seguintes exemplos:

(21a) ka meza	‘na mesa’
ka mati	‘na água’
ka ngelo	‘na gamela’
ka mova	‘na cana’
ka nkovu	‘no umbigo’
ka tihlu	‘no olho’
ka nhovu	‘no nariz’
ka woko	‘no braço’
ka hon’wini	‘em hon’wini’
ka Golwe	‘em Golo’
ka Mafuyani	‘em Mafuiani’
ka Pande	‘em Panda’
ka Masingi	‘em Massinga’
ka Vilankulu	‘em Vilankulu’
b) ni mixu	‘de manhã’
ni phindzula	‘de madrugada’
ni lhikanhi	‘de dia’
ni gambu	‘a tarde’
ni wusiku	‘a noite’

Os exemplos em (21a) mostram a locativização do nome através da preposição locativa *ka* do prefixo nominal *ku-* da classe 17. Outra preposição que nesta língua participa na formação de locativos nominais é **ni-** como ilustram os exemplos em (21b). Esta constatação, complementa a observação de Person (1932) para quem o processo de locativização em Citshwa era realizado através da sufixação de muitos morfemas locativos aos nomes sem mencionar outras formas.

Da análise feita aos dados até aqui apresentados, constatamos que na língua Citshwa, a estratégia mais produtiva de locativização é a sufixação. Nesta língua, os prefixos das

classes locativas, mostram-se menos produtivos, por razões que talvez tenham a ver com mudanças fonético-fonológicas que tornam alguns dos prefixos serem parte inalienável de nomes que se tornam locativos. Outra constatação que se pode aferir dos dados aqui analisados é a de que, nesta língua, o processo de formação de locativos não resulta apenas de processos morfológicos de afixação de morfemas locativos a palavras independentes, mas também de processos fonológicos que se operam ao nível das palavras quando se lhes afixa o morfema locativo **-ini**, que passa a assumir diferentes formas como ficou demonstrado nos exemplos acima.

Person (1932), ao centrar a sua análise ao processo de locativização em Citshwa apenas à morfologia, ter-se-ia permitido fazer o leitor crer que nesta língua existia apenas um único processo de locativização realizado por sufixação ao nome de muitos sufixos enquanto, na verdade, existe apenas um único morfema locativo **-ini** que se realiza de diferentes formas de acordo com a qualidade da vogal final do nome a que se afixa. Além da sufixação, existem outras formas de locativização nesta língua de que Person não se terá dado conta. Trata-se de exemplos de locativização por (preposições locativas) **ka** e **ni**.

O presente capítulo visava analisar as diferentes estratégias de locativização na língua Citshwa, onde se destacam a locativização por sufixação como uma das estratégias básicas. Entretanto, para além da locativização por sufixação os falantes do Citshwa adoptam outras estratégias para expressar este fenómeno tais como: a locativização lexical e a locativização por preposições. Foram ainda objecto de análise neste capítulo, os processos fonológicos que ocorrem, durante o processo de afixação de morfemas locativos ao nome para formar locativos nominais e, também foram apresentadas e formalizadas as diferentes regras fonológicas que dão conta desses processos, mais comumente chamadas regras de resolução de hiatos

Analisadas as estratégias de locativização em Citshwa e os diferentes fenómenos fonológicos que ocorrem durante o processo de formação de locativos nominais nesta língua, achamos estarmos em condições de dizer que estratégias, os falantes do Citshwa adoptam para a construção de locativos nominais. Assim, o capítulo que se segue, vai dedicar-se a apresentação das conclusões a que chegamos em função do tema e dos objectivos a que nos tínhamos proposto atingir com este estudo.

CAPÍTULO 5. CONCLUSÃO E RECOMENDAÇÕES

Depois da apresentação de dados, discussão e descrição das estratégias que os falantes da variante Cidzivi de Citshwa adoptam para exprimir a locativização no tempo ou no espaço, neste capítulo apresenta-se as conclusões a que chegamos, tendo em conta os objectivos preconizados e as hipóteses previamente colocadas em relação às duas perguntas de partida.

Em relação à primeira questão, na qual se procurava saber se a língua Citshwa ainda conservava a forma do Proto-Bantu na construção de locativos nominais, a hipótese que tínhamos avançado era de que, tal como algumas línguas bantu, esta língua, tinha operado algumas mudanças. Esta hipótese é confirmada pelos resultados obtidos da análise de dados de locativos nominais do Citshwa, pois enquanto os marcadores de locativos nominais do Proto-Bantu são os prefixos **pa-**, **ku-** e **mu-**, que se afixam aos nomes, advérbios, adjectivos e verbos para formar locativos, em Citshwa, um desses prefixos locativos do Proto-Bantu apresenta-se já inovado nos seguintes termos: o prefixo da classe 16 **pa-** do Proto-Bantu, realiza-se como **ha-** em Citshwa com a mesma semântica de situacional; o que demonstra que esta língua inovou este morfema locativo em relação aos prefixos locativos reconstruído do Proto-Bantu.

A segunda questão pretendia saber que estratégia(s) é/são adoptadas pelos falantes do Citshwa, caso não se conserve a forma do Proto-Bantu na construção de locativos. A hipótese avançada em relação a esta questão era de que, como resultado das mudanças operadas ao longo do tempo, os falantes do Citshwa tinham adoptado duas estratégias de locativização, nomeadamente, a locativização lexical e a locativização morfológica. Nesta última destaca-se a locativização por sufixação do morfema **-ini**. Também esta hipótese foi confirmada pelos resultados obtidos dos dados arrolados para o presente estudo. Entretanto, ao longo do trabalho notámos que para além da locativização lexical e a locativização morfológica, os falantes desta língua adoptam também a locativização preposicional como estratégia para exprimir o fenómeno de locativização.

Em relação aos objectivos específicos, este estudo, visava quatro objectivos fundamentais, nomeadamente, a identificação das estratégias de locativização em Citshwa, a identificação dos morfemas locativos, a descrição dos processos fonológicos resultantes da afixação de morfemas locativos aos nomes e a formalização dos processos fonológicos identificados.

Sobre as estratégias de locativização que os falantes desta língua adoptam para a construção de locativos, concluímos que, os falantes do Citshwa adoptam duas estratégias na construção de nominais locativos a saber: a locativização lexical e locativização morfológica através da derivação de palavras por sufixação do morfema locativo **-ini** que se realiza de formas diferentes de acordo com a qualidade da última vogal da palavra a que se afixa. Todavia, apesar de os falantes do Citshwa recorrerem quase que frequentemente às duas estratégias de locativização aqui anunciadas, em algum momento, ao longo do processo de comunicação, podem adoptar outras estratégias para exprimir o fenómeno de locativização, como por exemplo a locativização preposicional através das preposições **ka** e **ni**. Dentre esta estratégia, que o Citshwa adopta na construção de locativos nominais, é preciso destacar a estratégia de locativização por sufixação como sendo a estratégia mais produtiva nesta língua, já que, na locativização por prefixação os morfemas locativos apresentam-se já lexicalizados, sendo por esta via, parte inalienável das palavras de que fazem parte.

Um outro objectivo que se pretendia atingir com este trabalho, era a descrição dos processos fonológicos resultantes da afixação de morfemas locativos aos nomes, da análise dos dados e à luz da teoria da fonologia lexical (Kiparsky 1982, 1985), verificamos que nesta língua a aplicação do morfema locativo **-ini**, ao nível lexical, cria hiatos cuja resolução envolve várias regras fonológicas que tornam opacas algumas características de alguns sons em contextos derivados. Essas regras fonológicas foram indicadas e a formalização dos processos fonológicos resultantes da afixação do morfema **-ini** aos nomes. Essas regras fonológicas em número de quatro que conspiram contra a ocorrência de hiatos em Citshwa, a elisão, a coalescência parcial e semivocalização, foram identificadas e formalizadas no presente trabalho. É preciso sublinhar a importância que a formalização de regras fonológicas tem nesta língua, sem a qual não se pode perceber os diferentes processos fonológicos que convertem as representações subjacentes em representação de superfície.

Recomendações: tratando-se de uma investigação de culminação de estudos para a obtenção de um grau académico, muitas matérias que deviam ter sido trazidas à reflexão podem eventualmente, ter sido preteridas e, por essa via, os resultados aqui trazidos, podem não satisfazer as expectativas criadas à volta do tema. Tendo consciência disso e das dificuldades encontradas na realização do estudo, sobretudo devido à falta da bibliografia sobre o assunto nesta língua, recomenda-se que sejam realizados mais estudos sobre o tema ou temas com ele relacionado. Importa referir que este estudo constitui apenas a ponta de *iceberg*, que se chama “Citshwa” ainda por ser explorada com vista à descrição da sua gramática e produção de outros instrumentos necessários, não apenas para preservação da língua através do seu ensino,

mas, sobretudo, a sua integração no processo de comunicação para o desenvolvimento de Moçambique.

REFERÊNCIAS

- Alefândega, Pita Bongece. 2009. *A Locativização em Cisena*. Dissertação de Mestrado em Linguística. FLCS, UEM: Maputo.
- Andrade, Maria Margarida de. 2010. *Introdução à Metodologia do Trabalho Científico*. 10.ed. Atlas: São Paulo.
- Angenot. et al. *O Aumento e o Prefixo Nominal Proto-Bantu: Diacronia e Sincronia*. Acessado em <http://www.gepaaa.unir.br/index.php/123/article/view/10/5>. a 15 de Agosto 2012.
- Buell, Leston. 2004. *Bantu Locative Applicatives High and Low*. University of California, LSA. Vol. 9, nº 1-11: Boston.
- Canonicci, Noverino N. 1991. *Manual of Comparative Bantu Studies*. Department of Zulu Language & Literature. University of Natal: Durban.
- Cocch, Gloria. 2000. *Locative constructions in Bantu*: Quaderni del Dipartimento di Linguistica-Università di Firenze.
- Chamusso, Natália Alfredo. 1996. *O Impacto do Contexto Cultural para a Interpretação e Tradução de Provérbios de Citshwa para o Português*. Tese de Licenciatura em Linguística. FLCS. Universidade Eduardo Mondlane: Maputo.
- Chunguane, Artur Júlio. 2003. *Descrição das Estratégias de Locativização em Citshwa, Variante Chihlengue*. FLCS. Universidade Eduardo Mondlane: Maputo.
- Cheng, Lisa. S. 2010. *Locative Relatives in Durban Zulu*. Leiden University.
- Creissels, Denis. 2011. *Tswana locative and their status in the inversion construction*. Africa linguistic. Vol. 17.
- Demuth, K. 2000. *Bantu noun class system: Loan word and acquisition semantic productivity*. In G.senft classifications: Cambridge University Press.

- Joanito e Cryino. S/d. *Locativos preposicionados em posição de sujeito: uma possível contribuição das línguas bantu à sintaxe do português brasileiro*. Universidade Estadual de Campinas: Brasil.
- Langa, David. 2008. O Aspecto no Passado afirmativo do Changana. Dissertação do Mestrado em linguística. FLCS. Universidade Eduardo Mondlane: Maputo.
- Lisa Chengue e Downing Laura J. 2010. *Locative Relative in Durban Zulu*. Leiden University.
- Mateus. et. al. 1989. *Gramática de Língua Portuguesa*. 4. ed: Lisboa
- Machobane, M.M. 1996. *The Sesotho locative alternation verbs*. SAJAL. UNISA. Vol. 16. N° 1: Pretória
- Marten, Lutz. 2010. *The Great siSwati locative Shift*. School of Oriental and África Studies.
- Marten, Lutz. 2006. *Locative Inversion in Otjiherero: More on morpho-syntactic variation in Bantu*. School of Oriental and African Studies: London.
- Marten, Lutz. S/d. *Agreement in Locative Phrases in Luganda*: London.
- Ngunga, Armindo. 2006. *Estrutura do Trabalho Científico*. Universidade Eduardo Mondlane: Maputo
- Ngunga, Armindo. 2004. *Introdução à Linguística Bantu*. Livraria Universitária. UEM:Maputo.
- Ngunga, Armindo. 2002. *Elementos da Gramática da Língua Yao*. Imprensa Universitária. UEM: Maputo.
- Ngunga, A. e Simbine, Madalana. 2012. *Gramática Descritiva da Língua Changana*. CIEDEMA,SARL: Maputo
- Ngunga e Faquir. 2011. *Padronização da Ortografia de Línguas Moçambicanas: Relatório do III Seminário*. Centro de Estudos Africanos (CEA) - UEMA: Maputo.

- Salzman, Martin David. 2004. *Teorical Aproches to locative inversion*. University of Zurich
- Seki, Lucy. S/d. *Línguas Indígenas do Brasil no Limiar do Século XXI*. Unicamp.
- Sitoe, B e Armindo Ngunga. 2000. *Relatório do II seminário sobre a Padronização da Ortografia de Línguas Moçambicanas*. NELIMO, UEM: Maputo.
- Person, J. A. 1932. *Outlines of Tswa Gramma*. General Mission Press: Cleveland.
- Uetela, Marta. 2009. Estratégias de concordância com Sintagmas nominais Complexos em Citshwa. In Armindo Ngunga (ed.). *Lexicografia e Descrição de Línguas Bantu*. Centro de Estudos Africanos. Universidade Eduardo Mondlane: Maputo.
- Zeller, Jochen. 2006. *Derived subjects in Kinyarwanda locatives construction*. University of KwaZulu-Natal. Vol. 33: Durban.